

Carlos Tavares da Silva

Joaquina Soares

ILHA DO PESSEGUEIRO

PORTO ROMANO DA COSTA ALENTEJANA

Instituto da Conservação da Natureza

1993

ANEXO III

RESTOS DE GRANDES MAMÍFEROS DA ILHA DO PESSEGUEIRO. CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA ALIMENTAÇÃO NA ÉPOCA ROMANA

João Luís Cardoso*

1 — Introdução. Aspectos metodológicos

Em 1982, durante uma curta estada nas escavações da ilha do Pessegueiro, solicitou-nos C. Tavares da Silva colaboração no estudo dos restos faunísticos que, então, estavam a ser encontrados, agora concretizada no presente estudo. Sempre que possível, atingiu-se a classificação específica. As conclusões tiveram em conta apenas o número de restos classificáveis; não considerámos pertinente o cálculo do número mínimo de indivíduos, aliás de fraco significado, atendendo ao escasso número de restos. Com efeito, admite-se que o “número total de restos” (NTR) é proporcional ao número real de indivíduos, o que não acontece com o “número mínimo de indivíduos” (NMI). Os dois índices estão relacionados por uma equação do tipo:

$NMI = a\sqrt{NTR}$, que é uma relação não linear (Ducos, *in* DELPECH, 1973). Na determinação do número total de restos, não tivemos em consideração fragmentos de costelas, aceitando o princípio de que as percentagens relativas das espécies em causa pouco ou nada seriam afectadas com este trabalho adicional, aliás na maioria dos casos de resultados pouco fiáveis atendendo à má conservação de tais restos.

As medidas das peças foram tomadas com uma craveira até ao décimo de mm.. As abreviaturas foram as seguintes: DAP — diâmetro ântero-posterior; DT — diâmetro transversal; H — comprimento.

* Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL. Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica. Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

2 — Estratigrafia e cronologia

A quase totalidade dos materiais provém do Corte A (compartimento J1); a cronoestratigrafia ali observada, de acordo com elementos fornecidos por C. Tavares da Silva, foi a seguinte:

C. 2 — século IV/inícios do século V d. C.

C. 3 — século IV d. C.

C. 4 e C. 5 — século II d. C.

C. 6 — século I d. C. (2.^a metade).

A Camada 6 corresponde à acumulação de restos de construções de taipa.

Do Corte D' (compartimento J23), provêm, exclusivamente, materiais da Camada 3 (lixreira), correspondente à 2.^a metade do século III d. C..

3 — Inventário do material

As peças precedidas por um asterisco (*) pertencem ao Corte D', as restantes provieram do Corte A.

Artiodactyla Owen, 1848

Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1758

Camada 6

1/2 direito.

Porção distal de úmero direito de juvenil.

Cúbito esquerdo, conservando parcialmente a superfície articular com o úmero. DT articular — 31,0; DAP articular — 33,8.

Rádio esquerdo. DT diáfise — 27,7; DAP diáfise — 21,3; DT distal — 47,9; DAP distal — 35,0.

Fragmento de 2 pélvis esquerdos.

Fragmento proximal de fémur esquerdo de juvenil.

Fragmento proximal de fémur esquerdo.

Extremidade distal de fémur esquerdo, conservando parte da tróclea mesial.

Extremidade articular proximal de tíbia esquerda.

Camada 5

Porção posterior de crânio, conservando o *foramen magnum* e a articulação com o atlas.

M/1 esquerdo incompleto. DMD - —; DVL — 11,1.

Omoplata direita. DAP colo — 30,2.

Rádio esquerdo. DT diáfise — 27,4; DAP diáfise — 22,6; DT distal — 44,4; DAP distal — 33,0.

Metatársico II + III juvenil.

2 Trócleas de metápodes juvenis.

Camada 4 B

Conjunto de jugais superiores direitos. Com forte desgaste, provavelmente do mesmo indivíduo. P\3 — DMD — 11,8; DVL — 15,5; P\4 — DMD — 14,3; DVL — 14,4; M\1 — DMD — 16,0; DVL — 19,4; M\2 — DMD — 17,6; DVL - —.

I/2 direito.

Fragmento de hemimandíbula direita, conservando o diastema e o alvéolo do P/2.

Camada 4

Porção proximal de cúbito direito conservando parte da articulação com o úmero. DT articular — 26,3; DAP articular — 26,2; DAP olecrânio — 43,2.

Porção proximal de rádio direito. DT proximal — 45,8; DAP proximal — 26,2; DT diáfise — 26,5; DAP diáfise — 15,4.

Extremidade distal de tíbia direita de juvenil.

Extremidade distal de tíbia direita. DT distal — 42,1; DAP distal — 33,4.

Camada 3

Rádio direito, conservando parte da diáfise e da articulação distal. DT diáfise — 28,3; DAP diáfise — 22,7.

Camada 2

Cúbito direito incompleto na epífise proximal e na metade distal.
Astrágalo esquerdo de juvenil.

Capreolus capreolus L., 1758

Camada 6

Fragmento de diáfise de metatársico II + III.

Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

Camada 5

Extremidade articular (côndilo) de ramo ascendente da mandíbula.

Capra hircus L., 1758

Camada 5

Série dentária superior direita incompleta com P\4, M\1, M\2 e M\3.
Dimensões tomadas na base da coroa: P\4 — DMD — 7, 8; DVL — 9,6;
M\1 — DMD — 9,0; DVL — 12,4. Dentes pouco gastos.

Série dentária superior direita incompleta com P\2, P\3 e P\4.
Dimensões tomadas na base da coroa: P\2 — DMD — 6,8; DVL — 6,6;
P\4 — DMD — 7,3; DVL — 8,6. Dentes pouco gastos.

Série dentária superior direita incompleta, constituída por dentes isolados, pertencentes talvez à série dentária anterior. Dimensões tomadas na base da coroa: M\1 — DMD — 10,3; DVL — 11,2; M\2 — DMD — 11,2; DVL — 10,7; M\3 — DMD — 16,3; DVL — 11,3.

Fragmento de M/1 ou M/2 esquerdo.

Porção distal de úmero direito, com falta da superfície articular distal.
DT diáfise — 20,9.

Porção de cúbito direito conservando parte da articulação com o rádio.
DT articular — 25,4.

Diáfise de rádio direito. DT diáfise — 19,1; DAP diáfise — 12,4.

Diáfise de tíbia direita, com ambas as extremidades fracturadas.

DT diáfise — 18,9; DAP diáfise — 16,5.

Camada 3

M\2 direito. DMD — 11,0; DVL - —.

M\3 direito. DMD - —; DVL — 13,2.

Porção de diáfise de rádio direito. DT diáfise — 23,3; DAP diáfise — 14,5.

Porção superior de diáfise de fêmur direito. DT diáfise — 21,5; DAP diáfise — 23,6.

Ovis aries L., 1758

Camada 6

Fragmento de hemimandíbula esquerda com P/3 e M/1. Dimensões na base da coroa: P/3 — DMD — 6,8; DVL — 4,6; M/1 — DMD — 11,5; DVL — 8,2.

Porção distal de úmero esquerdo. DT diáfise — 16,0; DAP diáfise — 10,3.

Metade distal de tíbia direita. DT diáfise — 16,0; DAP diáfise — 12,3; DT distal — 26,1; DAP distal — 20,7.

Porção distal de fêmur esquerdo conservando a tróclea mesial da extremidade distal.

Extremidade distal de tíbia esquerda. DT distal — 26,8; DAP distal — 20,7.

Astrágalo e calcâneo esquerdos (o calcâneo encontra-se incompleto) em conexão anatómica. Astrágalo — H máxima — 23,3; DT máximo — 18,1; DAP máximo — 17,0. Calcâneo — DT máximo — 18,2.

Camada 5

Diáfise de rádio direito. DT diáfise — 14,7; DAP diáfise — 7,3.

Tíbia direita conservando parte da diáfise e a extremidade distal. DT diáfise — 16,3; DAP diáfise — 13,4; DT distal — 25,9; DAP distal — 19,9.

Tíbia direita conservando parte da diáfise. DT diáfise — 13,9. DAP diáfise — 12,4.

Camada 4

Fragmento de úmero direito, conservando a quase totalidade da diáfise. DT diáfise — 14,7; DAP diáfise — 23,3.

Extremidade distal de diáfise de úmero esquerdo.

Diáfise de tibia direita de indivíduo juvenil, com ambas as extremidades roídas.

Camada 3

M\1 direito. DMD — 10,8; DVL — 11,8.

M\2 esquerdo. DMD - —; DVL — 6,8.

Extremidade superior de rádio esquerdo. DT proximal — 31,5; DAP proximal — 18,7.

Extremidade distal de diáfise de tibia esquerda. DT diáfise — 13,6; DAP diáfise — 11,0.

Ovis aries ou *Capra hircus*

Camada 5

Quatro fragmentos de corpos vertebrais.

Camada 4 B

Corpo vertebral de indivíduo juvenil.

Suidae Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

Camada 3

D/2 com ligeiro desgaste. Dimensões máximas: DMD — 6,3; DVL — 2,8.

Porção de articulação proximal de rádio direito queimado.

Tibia direita de juvenil, incompleta em ambas as extremidades.

Falange II. H — 25,4; DT articular proximal — 19,1; DAP articular proximal — 17,4.

Perissodactyla Owen, 1848

Equidae Gray, 1821

Equus caballus L., 1758

Camada 6

Úmero direito de juvenil, com falta de ambas as extremidades articulares.

Rádio esquerdo de juvenil, com falta de ambas as extremidades articulares.

Fragmento de pélvis direito.

Metacárpico II esquerdo de juvenil, com falta de epífise distal.

Carnivora Bowdich, 1821

Canidae Gray, 1821

Canis familiaris L., 1758

Fragmento de canino inferior esquerdo.

Lagomorpha Brandt, 1855

Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

Camada 6

Fragmento de hemimandíbula esquerda.

Úmero esquerdo com falta da extremidade proximal.

Camada 5

Fragmento de hemimandíbula esquerda.

Fragmento distal de úmero direito.

Dois pélvis direitos.

Fragmento proximal de fémur esquerdo.

Metacárpico II direito e esquerdo.

Metacárpico III direito e esquerdo.

Falange I.

Camada 4 B

Pélvis esquerdo.

Camada 4 A

Omoplata esquerda incompleta.

Rádio direito com falta da extremidade distal.

Camada 4

Hemimandíbula esquerda incompleta.
Cúbito direito, incompleto na extremidade distal.

Camada 3

- * Fragmento de maxilar direito.
- * Omoplata esquerda.
Omoplata esquerda incompleta.
- * Úmero esquerdo com falta da extremidade proximal.
Cúbito esquerdo incompleto na extremidade distal.
- * Rádio direito com falta da extremidade distal.
- * Parte proximal de fémur esquerdo.
- * Metacárpico III direito, incompleto na extremidade distal.

Camada 2

Úmero esquerdo juvenil, com a epífise proximal mal soldada.
Porção proximal de fémur esquerdo.

A inventariação do material osteológico por níveis arqueológicos pode ser sumarizada no seguinte quadro:

QUADRO 1 – Distribuição do material osteológico de grandes mamíferos por níveis arqueológicos

	<i>Cervus elaphus</i>	<i>Capreolus capreolus</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Capra hircus</i>	<i>Ovis aries</i>	<i>Capra sp. ou Ovis sp.</i>	<i>Sus Scrofa</i>	<i>Equus caballus</i>	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	<i>Canis familiaris</i>	Total
C2	2 (50 %)								2 (50 %)		4
C3	1 (4,5 %)			4 (18,2 %)	4 (18,2 %)		4 (18,2 %)		8 (36,4 %)	1 (4,5 %)	22
C4	9 (50 %)				3 (16,7 %)	1 (5,6 %)			5 (27,8 %)		18
C5	6 (19,4 %)		1 (3,2 %)	7 (22,6 %)	3 (9,7 %)	4 (12,9 %)			10 (32,2 %)		31
C6	9 (40,9 %)	1 (4,5 %)			6 (27,3 %)			4 (18,2 %)	2 (9,1 %)		22
Total	27 (27,8 %)	1 (1,0 %)	1 (1,0 %)	11 (11,3 %)	16 (16,5 %)	5 (5,2 %)	4 (4,1 %)	4 (4,1 %)	27 (27,8 %)	1 (1,0 %)	97

4 — Conclusões

4.1 — Ao nível paleontológico

Cervus elaphus — *Dama dama* — a diferenciação é problemática, na falta das armações, único elemento tradicionalmente seguro na diagnose diferenciada de ambos os táxones. A biometria das peças estudadas integra-se, porém, preferencialmente no intervalo de *Cervus elaphus* (medidas pessoais de um número de exemplares considerados significativos de ambas as espécies). Pode, portanto, considerar-se provada a presença do veado e não a do gamo.

Capreolus capreolus — o corço encontra-se apenas representado por um único resto. Tal situação é conforme ao "habitat" preferencial da espécie (zonas temperadas e, sobretudo, húmidas).

Bos taurus — a escassez de restos deve-se em parte ao ambiente desfavorável (região muito seca, com pastos escassos). O tamanho da única peça identificada (extremidade do ramo ascendente mandibular, incluindo o côndilo articular) afasta a hipótese do auroque, *Bos primigenius*. Esta última espécie foi abundante na região até, pelo menos, o início do Neolítico (escavações inéditas de C. Tavares da Silva e J. Soares). É provável que já se encontrasse extinta na época romana.

Capra hircus — *Ovis aries* — é tradicional a dificuldade de separação dos dois géneros. No caso dos materiais em apreço, tal dificuldade pôde ser ultrapassada na maior parte dos casos, atendendo ao maior tamanho e robustez de *capra*, para além de diferenças morfológicas, menos importantes no material estudado, devido ao seu estado muito fragmentário. É de afastar a hipótese de *Capra pyrenaica*, a cabra montês peninsular, cujas peças ósseas são maiores e mais robustas do que quaisquer das que constituem a nossa amostragem.

Sus scrofa — os escassos restos de suídeo foram atribuídos a javali. Se os restos de adultos não oferecem dúvidas, pelo seu tamanho e robustez, já os restos de juvenis poderiam pertencer ao porco doméstico. No entanto, não é crível que, em contexto como o estudado, denunciador de relativa escassez alimentar, se sacrificassem animais jovens, é mais aceitável admitir a captura, relativamente fácil, de jovens javalis, espécie que, então, deveria ser abundante na região.

Equus caballus — a ocorrência de várias peças compatíveis com um único indivíduo, juvenil, sugere a presença do cavalo no estado selvagem. De facto, não é crível que, em um contexto doméstico, se consumisse um

animal que, no estado adulto, seria muito mais útil. Tal como se verificava com o javali, a captura de um animal jovem seria relativamente fácil. Com efeito, a sobrevivência do cavalo selvagem, na região, até à época romana, encontra-se bem documentada em textos clássicos (as éguas, tão velozes, eram fecundadas pelo vento...).

Oryctolagus cuniculus — aceitamos que os restos de coelho pertençam a animais selvagens. Com efeito, é bem conhecida a abundância na época romana deste animal, que chegava a causar estragos de monta, segundo textos de Plínio e de Estrabão. De tal forma o coelho era abundante na Hispânia, que foi utilizado, de forma emblemática, em moedas de Adriano e de Antonino Pio alusivas a esta Província. Desta forma, não é necessário admitir a domesticação deste animal — aliás de criação difícil dada a secura da região — para explicar a sua presença no Pessegueiro, ao contrário do que se teria verificado na Silves muçulmana (ANTUNES, 1991).

4.2 — Ao nível paleoecológico

A predominância do veado é compatível com o ambiente onde manchas florestais (bosque) pontuariam zonas abertas (do tipo pradaria) de solos duros, propícias à presença do cavalo. Porém, a quase ausência do corço indica condições climáticas de relativa secura, compatíveis com as actualmente existentes na região, embora talvez menos secas.

4.3 — Ao nível arqueológico e arqueozoológico

A base de subsistência da comunidade romana da ilha do Pessegueiro é nitidamente dominada pela caça local. Com efeito, 27,8 % dos restos pertencem a veado, percentagem igual à correspondente ao coelho (que aceitamos, pelas razões expostas atrás, ser exclusivamente selvagem) e à dos ovi-caprinos domésticos. Acessoriamente, seria caçado o javali, o cavalo e o corço. A corpulência do veado, face à dos restantes animais caçados ou domésticos, mais acentua a preponderância que esta espécie teria na alimentação.

A fauna doméstica é, quase exclusivamente, representada pelos ovi-caprinos, com ligeira predominância das ovelhas sobre as cabras, ainda reforçada pela maior corpulência daquelas. Rebanhos mistos de ovi-caprinos encontram-se bem adaptados a condições de relativa secura, especialmente as cabras. O facto de, no caso presente, predominarem as ovelhas,

acentua a hipótese, atrás exposta, do clima, na época, ser menos seco do que o actual. A ocorrência do boi doméstico é excepcional, facto que, para além de ser explicável por condições naturais adversas, sugere população pouco fixada ao território. Esta é, com efeito, a conclusão geral que se pode extrair do estudo da fauna; a predominância de espécies selvagens na alimentação, correspondendo a caça não selectiva de amplo espectro (do coelho ao veado), é compatível com comunidade pequena e pouco especializada na caça, ocupando a ilha e região circundante apenas durante uma parte do ano (Primavera e Verão), capturando essencialmente animais jovens (veados, cavalos, javalis), nascidos no ano anterior.

São visíveis marcas de corte, resultantes da estola e/ou do esquartejamento das carcaças, com facas e cutelos. É, porém, raro, o seccionamento longitudinal dos ossos longos para o aproveitamento do tutano.

Os restos seriam abandonados ao ar livre, como mostra o seu aproveitamento secundário por cães (ossos roídos), particularmente evidente nas extremidades articulares, que ainda teriam algum interesse alimentar.

As partes representadas, tanto dos animais domésticos como dos selvagens, não sugerem consumo diferenciado da carcaça; os animais seriam abatidos em terra e transportados inteiros para a ilha, onde eram esquartejados. Tal situação também se aplicaria ao boi, o mais corpulento dos animais estudados, visto a peça encontrada corresponder a uma parte com escasso a nulo valor alimentar (fragmento de mandíbula).

Alguns ossos queimados sugerem a prática de churrascos, embora a larga maioria fosse cozinhada, o que possibilitaria um aproveitamento mais completo da carne, condizente com a relativa penúria alimentar destas populações.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. — «Restos de animais no Castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico». *Estudos Orientais*, 2, 1991, 41-74.
- DELPECH, F. — «Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique». *Bull. Soc. Préhist. Franç.*, 70, 1973, 187-189.